



12/03/87

Líderes do PMDB escolhem membros das nove comissões

Mesa na quinta-feira Constituinte elege a

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, comunicou ao líder do PMDB, Mário Covas, que vai realizar na quinta-feira, a sessão para a eleição dos demais cargos da mesa — dois vice-presidentes, três secretários e três suplentes, havendo ou não acordo entre o PMDB e o PFL sobre quem ficará com a primeira vice-presidência.

Mário Covas, que passou a manhã de ontem no Prodasen (Centro de Processamento de Dados do Senado), com os líderes do partido na Câmara, Luiz Henrique, e no Senado, Fernando Henrique Cardoso, esboçou a disposição de tentar negociar o máximo possível a primeira vice-presidência, procurando evitar o confronto da eleição em plenário com o seu parceiro na Aliança Democrática.

Se não houver acordo, porém, o PMDB deverá "bater chapa" com o PFL. "Temos de estar cientes de que nem tudo na Constituinte pode ser feito por consenso, através de acordo. Devemos estar preparados para decidir as coisas no voto" — disse Covas.

No trabalho de ontem pela manhã no Prodasen, os três líderes do PMDB foram assessorados pelo deputado Miro Teixeira, responsável

pela realização de uma pesquisa, através de um questionário, sobre as oito preferências de cada um dos 304 dos seus constituintes em termos de comissões. No trabalho, um computador foi usado para cruzar informações, de modo a distribuir os lugares com a maior justiça possível, sendo levado em conta, especialmente, a proporcionalidade a que o PMDB tem direito como o maior partido na Constituinte.

Já está decidido que o PMDB ocupará cinco presidências e cinco relatorias de comissões temáticas e 13 presidências, 13 vice-presidências e 13 relatórios de subcomissões, mas ainda não há definições. Com relação às relatorias, há uma tendência clara, afóra a Comissão de Sistematização, que está sendo disputada por Pimenta da Veiga e Bernardo Cabral, para as Comissões de Ordem Econômica, Ordem Social, Organização dos Poderes e de Tributação.

Ulysses Guimarães, por sua vez, resolveu aproveitar o fim de semana para examinar com o secretário-geral da Mesa, Paulo Afonso Martins de Oliveira, as propostas apresentadas à Constituinte desde a sua instalação. Com a promulgação e entrada em vigor do Regimento Interno definitivo da Constituinte, provavelmente terça-feira Ulysses terá de tomar decisão a respeito dessas propostas, grande parte das quais será considerada "prejudicada".

LUSTOSA DA COSTA

Duas mulheres, ambas deputadas constituintes de primeiro mandato, candidatas derrotadas às prefeituras das capitais de seus Estados em 1985, esposas de ex-governadores biônicos e eleitas pe-

lo PDS, estão marcando presença na Assembléia Nacional Constituinte. São elas: Míriam Portella (PI) e Wilma Maia (RN).

Elas têm votado contra a orientação da liderança e reclamado postura mais "progressista" do partido. As duas

irritam o líder pedessista Amaral Neto, especialmente porque se opõem à implantação da pena de morte no País e se recusam a acompanhar sua tendência conservadora. Nas intimidades, ele as inclui entre as cinco "xifas" do partido — que estariam votando

com o PT e a ala esquerda do PMDB — e as acusa de pretenderem imitar o discurso do petista José Genoíno (PT-SP), exaltado e constante presença nos microfones de apartes do plenário.

(Brasília/Agência Estado)

Miriam, firme no PDS

Míriam Portella é formada em Ciências Jurídicas e Sociais, mas nunca advogou. Passou 21 anos como funcionária do TRE no Piauí, onde entrou por concurso e de onde saiu para ser candidata à prefeitura de Teresina, em 1985.

Numa campanha radicalizada entre os candidatos do PMDB e PFL, ficou em terceiro lugar, com o decepcionante resultado de menos de 10 mil votos. Em 1986, fez campanha no palanque do PMDB. Seu marido, Lucídio Portella, político de temperamento violento, foi companheiro de chapa de Alberto Silva, em quem, na campanha de 1982, ameaçava bater com chicote, em praça pública. Míriam obteve 18 mil votos na capital.

Na Assembléia Nacional Constituinte, ela só tem dado dores de cabeça à liderança. Mas não dá muita importância às vezes em que votou contra sua orientação: "Não anotei". Depois, explica: "Quem vem para a Constituinte, vem defender suas convicções, o sentimento do eleitor que o mandou para cá. Por isso, discordei da presença dos senadores eleitos em 1982 na Constituinte. Não saí do plenário, acompanhando o PFL, porque não podia entrar naquela briga pela fatia maior ou menor do poder, embora não ache ideal o Regimento. Temos de resgatar a credibilidade do Poder Legislativo e não é saindo do plenário que o conseguiremos. Vou continuar discordando toda a vez que tiver pensamento diferente do líder. O voto de liderança tem de acabar. Nunca pensei, aliás, que houvesse liderança na Assembléia Nacional Constituinte, que será o esboço de novos partidos".

Ela não concorda que o PDS seja partido reacionário. "Existem pessoas que pensam de modo muito convencional, que estão muito agarradas ao passado. O que passou, passou. Temos que ver o que o povo quer. Para fazer verdadeira democracia, temos de sentir a força da opinião pública. Este é meu discurso, o que minha verdade manda que eu faça. Se tem similitude com o de Genoíno ou do Lula, não estou perseguindo isso. Se,



eventualmente, nossos pensamentos convergem, é por que aconteceu".

Míriam é contra a pena de morte: "Nunca!" exclama. É contra o aborto, embora defenda também o planejamento familiar e se proclame feminista, a seu modo. "Sou feminista não no sentido de ser a outra medalha do machismo. A mulher tem de ter espaço, força, galgar posições, mas sem confronto com o homem. Temos de construir o novo mundo lado a lado."

Míriam Portella permanecerá no PDS: "Não tenho intenção de deixar o PDS. Não estou sendo incomodada. Talvez esteja, sim, incomodando o PDS. Os partidos vão reorganizar".

Não acredita que sua presença no palanque eleitoral do PMDB, ano passado, tenha influenciado seu discurso: "Não. Isso decorre do contato popular, do corpo-a-corpo com o eleitor, sem a intermediação do chefe político. Fiquei impressionada com o nível de informação da população da periferia de Teresina sobre problemas de salário, de reforma agrária e direitos femininos. Da conversa nasceu o compromisso e meu compromisso é com a mudança.

Sobre o vice-governador Lúcio Portella, diz: "Não tenho divergências com meu marido, porque tenho total e completa liberdade. Tenho minha individualidade, minha identidade, minha linha política.

Wilma, pelas diretas já

Wilma Maia, formada em Letras e Pedagogia, ensinava inglês quando se casou com o médico Lavoiser Maia. No governo do primo José Agripino, foi secretária de Bem-Estar Social do Estado. Em 1985, foi derrotada na disputa da Prefeitura de Natal e alvo de ataques no palanque do PMDB, por sua vinculação com o malogrado candidato à presidência da República, Paulo Maluf.

"Quem votou em Paulo Maluf na convenção do PDS foi o Lavoiser, que nunca escondeu o foto, porque era candidato do partido. Paguei caro por isso na campanha de 1985. Como não tinham nada a dizer, me acusavam de malufista. Perdi a eleição, porém nos últimos 15 dias, esmagada pela máquina federal".

No ano seguinte, candidatou-se a deputada federal: "Minha votação foi nas grandes cidades. Obtive 50 mil votos em Natal, quase 17 mil em Mossoró, a votação de Vingt Rosado.

Sobre o PDS, Wilma disse concordando que "a sigla sofre campanhas dos órgãos de comunicação e tem alguma responsabilidade pelos governos passados". E explicou as razões pelas quais discorda de Amaral Neto: "sou contra a forma pela qual atua. Ele é líder da bancada e não de suas convicções. A bancada não quer pena de morte, não é de direita. Nosso programa é avançado, precisa ser defendido. O PDS deve ser progressista como seu programa". E o senador Lavoiser Maia? "Nas três vezes, ele votou diferente de mim. Cada um vota de acordo com sua consciência, com suas convicções. Quando você vem para uma casa legislativa, principalmente para a Assembléia Nacio-



nal Constituinte, vem com responsabilidade acrescida. Vou manter esse comportamento de qualquer maneira."

Wilma Maia proclama-se contra o aborto, a favor do planejamento familiar e é feminista, no sentido de defender os direitos da mulher, lutar para deixar explícitos na Constituição os direitos femininos.

A deputada não está decepcionada com a Constituinte. "Estou satisfeita. Só me decepciono com a influência do governo nela".

Ela defende a imediata realização de eleições diretas para presidente da República, acrescentando que queria eleições diretas ainda estivesse no governo.